

# DESABUSADO

**A oferta de Floriano e a surpreendente recusa de participação no governo**

A visita à casa do Major Solon tem outra consequência ainda mais importante. É nesse dia que ele conhece sua futura mulher, Ana, filha do major, de 15 anos. Dez meses depois estão casados. Um casamento desastroso, de dois jovens inexperientes, que terminará em tragédia em 1909, quando Euclides é morto pelo amante de sua mulher, o jovem cadete do Exército Dilermando de Assis.

Mas um dos episódios mais curiosos das íntimas relações de Euclides com os novos donos do poder na República ocorre em janeiro de 1893. Floriano Peixoto, já presidente, convoca Euclides para uma entrevista, na qual, sem meias palavras, propõe-lhe escolher a posição que deseja ganhar na reformulação geral da administração do país. Tendo em vista o passado e os méritos de Euclides, Floriano, o senhor todo-poderoso da época, dá ao estudante rebelde da Escola Militar o privilégio de escolher. Essa prova de confiança é raríssima em Floriano, homem naturalmente desconfiado e sempre alerta contra possíveis traições. O comportamento de Euclides é desastroso.

Deixemos que ele mesmo narre o episódio — quem o faria melhor? — em carta escrita a seu amigo Lúcio de Mendonça, mais de dez anos depois: “O grande

doador de posições, referindo-se à minha recente formatura e ao meu entusiasmo pela República, declarou-me que, tendo eu direito a escolher por mim mesmo uma posição, não se julgava competente para indicá-la... Quer perspectiva! Basta dizer-lhe que estávamos em pleno despencar dos governadores estaduais!... E eu (nesta época sob o domínio cativante de Augusto Comte, e que isto vá como recurso absolutório) declarei-lhe ingenuamente que desejava o que previa a lei para os engenheiros recém-formados: um ano de prática na E.F.C. do Brasil! Não lhe conto o resto. Quando me despedi, pareceu-me que no olhar mortuário do interlocutor estava escrito: **nada vales**. E tive ainda a inexplicável satisfação de descer orgulhosamente as escadas do Itamaraty, atravessar alegremente o saguão, embaixo, e sair agitando não sei quantos sonhos de futuro... um futuro que desastrosamente eu tinha destruído.”

**Nas palavras do escritor, um julgamento severo sobre a República. Mas sem saudosismo monárquico**

É contudo no episódio de Canudos que está o ponto mais importante das complexas relações de Euclides com a República nascente. Quando começa a revolta dos seguidores do Conselheiro no sertão da Bahia, Euclides reage como todos os seus companheiros, vendo nela um perigoso foco de resistência ao novo regime.

Os dois artigos que escreve em *O Estado de S. Paulo* sobre o problema demonstram isso a partir de seu próprio título — *A nossa Vendéia* —, que evoca a luta entre os republicanos franceses e um reduto de monarquistas que, na Vendéia, se obstinavam em não aceitar a nova ordem estabelecida pela Revolução Francesa. É com essa mesma idéia que, pouco depois, Euclides segue como enviado especial d’*O Estado* para fazer a cobertura do conflito. Só com a observação direta dos acontecimentos é que se desfazem os seus preconceitos e ele pode entender em toda a sua profundidade e complexidade a grande tragédia de Canudos. Em *Os Sertões*, não poupará os equívocos da República e as violências praticadas pelas suas tropas: “Aquele campanha lembra um refluxo para o passado. E foi, na significa-

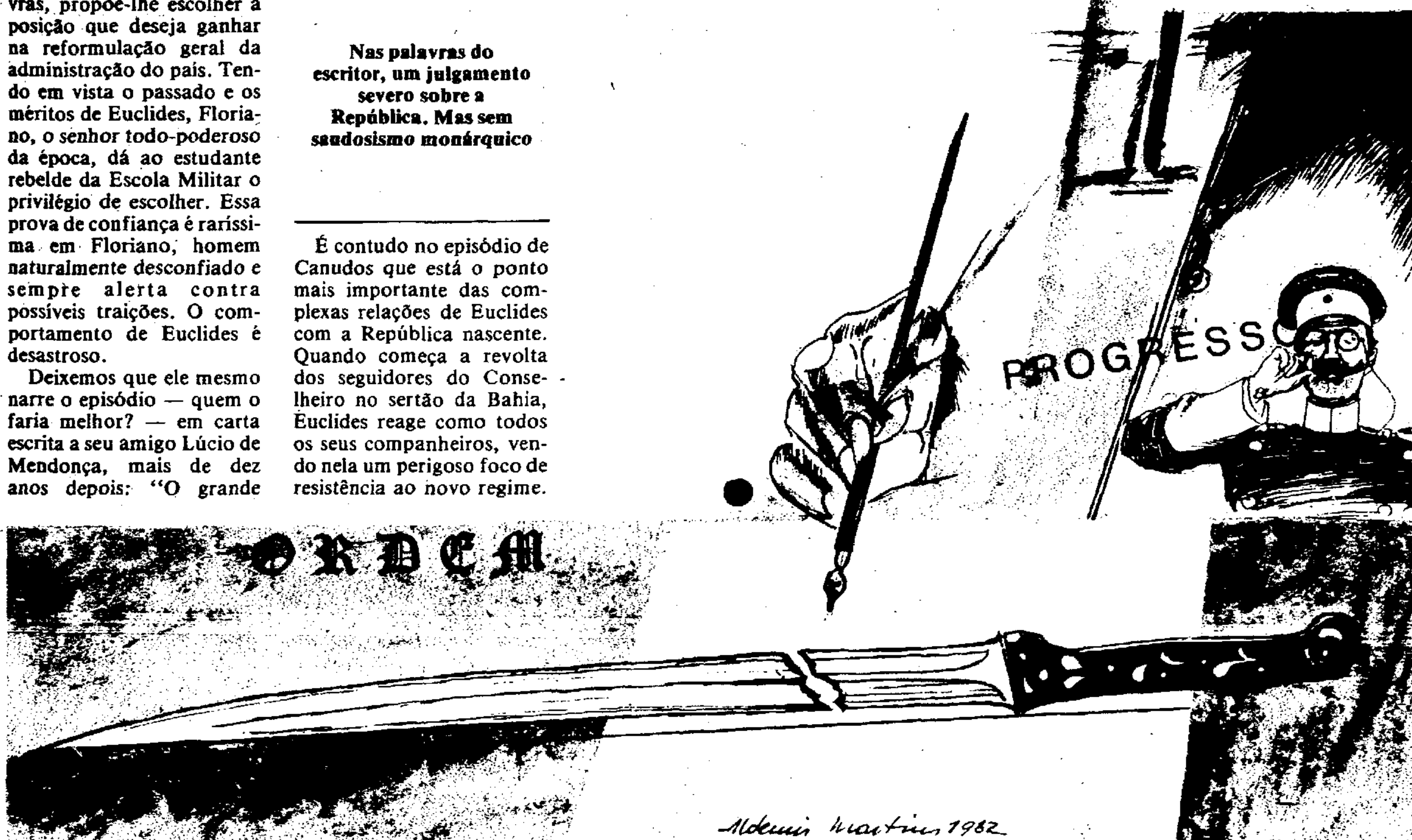
ção integral da palavra, um crime.”

Em duas outras ocasiões Euclides fará reavaliações de seu julgamento inicial da República, embora não de suas convicções. Num artigo famoso — *Solidariedade sul-americana* — lamenta que a República tenha retirado o Brasil do isolamento do Império para o que chama de perigosa solidariedade sul-americana. Nele critica o fato de, com o fim do Império, o nosso país ter sido obrigado a entrar no jogo da política sul-americana. E em seu discurso de posse no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde há um grande número de monarquistas, e para o qual fora eleito em 1903, faz uma autocritica de suas ilusões políticas. São desabafos de quem acreditava que a República seria uma revolução e de quem reconhecia que quase nada havia mudado, che-

gando mesmo a localizar retrocessos em alguns setores. Em nenhuma dessas duas ocasiões ele repudia a República, mas é rude com seus erros e diz as coisas com tanto mais dureza quanto sua posição de republicano histórico afasta qualquer suspeita de saudosismo monárquico.

Laurenço Dantas Mota, jornalista e escritor. Coordenador de uma série de depoimentos sob o título *A História Vivida*; autor de *André Maulroux no Caminho das Tentações*.

Aldemir Martins, ilustrador. Prêmio de desenho da XXVIII Bienal de Veneza.



Aldemir Martins 1982